

---

---

## Resumo de Tese

---

---

# O AMOR E O ÓDIO NA VIDA DO PROFESSOR: PASSADO E PRESENTE NA BUSCA DE ELOS PERDIDOS<sup>1</sup>

Ana Archangelo GUIMARÃES<sup>2</sup>

O amor e o ódio são relevantes na constituição do profissional que estabelece vínculo com o aluno, com o conhecimento, com a instituição, com o ato de ensinar e aprender. Esta afirmação foi sendo consolidada através da constatação de que o professor vem, progressivamente, ocupando o lugar de excluído da essência da vida da escola e que, a partir disso, suas iniciativas vão perdendo o sentido, convertendo-se em abstração, em fala exterior. Desta perspectiva, o professor passa a hostilizar seu ambiente de trabalho e seus alunos, comparando o ensino do passado com o do presente.

De um lado, a certeza de que a escola já foi boa, e que o que temos hoje é apenas expressão de sua decadência; de outro, afirmações que criticam o conservadorismo do passado, enaltecendo a renovação do presente.

Quem acompanha o trabalho desenvolvido nas escolas públicas, hoje, sabe que os professores não têm conseguido desencadear soluções – ou encaminhamentos destas - para os problemas de sala de aula sem a intervenção de coordenadores, diretores, Conselhos Tutelares e Delegacias de Polícia. Parecem ter abandonado a generosidade que permite o compartilhamento do acervo cultural com as novas gerações, que

permite a busca criativa de alternativas metodológicas. Debates e confrontos não podem acontecer sem que sejam vistos com grande apelo destrutivo e ameaçador. A sala de aula deixou de ser o espaço privilegiado para o acontecimento pedagógico em seu sentido mais amplo de formação intelectual e de valores, através dos vínculos afetivos.

Para compreender este contexto é necessário considerar que o acontecimento pedagógico envolve, para além do sujeito da inteligência, o sujeito do inconsciente, que encontra formas mais ou menos integradas de lidar com estes sentimentos hostis presentes no ambiente escolar. Cada sujeito constrói o seu repertório de relações a partir do que julga (ou não) agressão, buscando harmonizar no ser-professor, e em outras dimensões de sua vida, o pensar, o dizer e o ser.

Ouvir a narrativa da história de alguns destes sujeitos permitiu a identificação de vozes destoantes, de acordos psicológicos que acontecem no seio de processos históricos e relações de poder. Por esta razão, a escuta do pesquisador neste trabalho teve como eixo a idéia de que o sujeito, ao falar de si, expressa sua ilusão de saber de si. Apenas através da interpretação, foi possível encontrar um sentido mais pleno do

---

<sup>1</sup> Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP, área de concentração Metodologia de Ensino, em 1999

<sup>2</sup> Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

dito, no confronto com aquilo que ficou como não-dito.

Através das histórias de quatro professoras, a pesquisa abordou os temas abaixo.

#### **A necessidade que o professor tem de ser amado**

A valorização do professor do passado, tida como inerente à sua função e expressa nos presentes recebidos, na confiança cega dos pais e na submissão irrestrita dos alunos, é fonte de muita inveja por parte do professor atual, que considera ter perdido parte essencial da natureza de sua profissão. Ao mesmo tempo, este professor não vê em suas ações formas de reconquistar seu lugar, ainda que transformadas as vias de acesso a ele.

#### **As ilusões sobre a escola e o profissional do passado**

Muitas são as comparações entre as condições de vida e de trabalho do professor do passado e do presente, em geral, dando ampla vantagem para o primeiro. Entretanto, as professoras trouxeram experiências que reorientam o imaginário social. Lembranças de caminhadas de 8 quilômetros diários, início de carreira em vilarejos isolados, caronas com desconhecidos em caminhões de tijolos ou carvão, salários considerados altos quando comparados ao trabalho não remunerado da dona de casa da época, classes de alfabetização com 58 alunos, campanhas contra piolhos, etc.

#### **As dificuldades na relação escola-pais**

Esta relação era dada a partir de um professor que ocupava um lugar bastante claro na vida do aluno e da própria família. Certo ou errado, o papel de maternagem exercido era aceito tanto por uma parte quanto por outra, além de não encontrar rivais no âmbito social. Atualmente, fragilizado, o professor vem ocupando um lugar mais próximo da figura de um irmão do aluno, o que acirra sua competição com este último pela atenção dos pais. Estes, por sua vez, também vêm enfrentando uma série de pressões sociais que desembocam em demandas de autonomia do filho e/ou de intervenção direta do professor, não estritamente ligada ao ensino. Esta intervenção,

considerada natural no passado, não é aceita pelo professor atual, pois este a vê como uma prova, dentre tantas outras, de sua desmoralização.

#### **A ambivalência do professor atual em relação aos objetos de cultura presentes na escola**

Objetos amplamente reivindicados por um longo período na escola, como computador, TV, vídeo, entre outros, converteram-se, a medida em que foram sendo adquiridos, em alvos de hostilidade do professor. Estes objetos consistem, no imaginário do professor, em mais uma expressão de sua incompetência, tanto para adquiri-los, quanto para manejá-los. Ao invés de um valor simbólico construtivo, representam mais uma derrota para este profissional que se vê desprovido, e que disputa com o aluno as pequenas demonstrações de atenção por parte das esferas de poder, dos pais, da própria escola.

#### **As motivações que regem a escolha e o uso das metodologias de ensino**

A metodologia de ensino pode servir para atender o aluno em suas necessidades, sendo sentida por ele como produto da criatividade do professor, ou servir como defesa contra o aprofundamento deste vínculo, chegando, inclusive, a ser utilizada como forma de "vingança" contra os alunos. Estes sentidos possíveis não dependem exclusivamente da formação do professor; estão em consonância com motivações inconscientes capazes de subtrair-lhe o que tem de melhor ou acrescentar-lhe algo positivo que intrinsecamente não possui.

O que se conclui nesta pesquisa é que a idéia de deterioração da profissão de professor, para além dos aspectos objetivos amplamente conhecidos (e inclusive por sua existência), passa, em certa medida, pela esfera de um imaginário que idealizou o passado. A partir desta construção imaginária, o professor vê negadas suas expectativas em todas as direções, e esta frustração deixa um terreno fértil para sentimentos persecutórios. As mazelas da sociedade, da educação e das famílias, e até mesmo algumas conquistas dos alunos, ganham uma integração imaginária contra o professor e, juntas, constituem um ambiente conspiratório, que não apenas interfere, mas rege muitas das atitudes dos professores na escola.